

ASPECTOS DA OCUPAÇÃO INFORMAL NAS ENCOSTAS DE SALVADOR (BA): ANÁLISE DA INVASÃO DO HOSPITAL ROBERTO SANTOS (CABULA)¹

Plínio Martins Falcão²

RESUMO: *Os processos de sobrevivência e dinamização do homem sobre o meio natural são relações intrínsecas do conhecimento geográfico, que visa o entendimento da interação homem/meio, [trans]formando o espaço geográfico. Dentro deste contexto, surgem as diversas esferas do trabalho, que vislumbram estudos diagnósticos na tentativa de buscar melhorias, no sentido de tornar o espaço melhor organizado do ponto de vista da relação homem versus meio. Esta pesquisa analisou, sob a ótica da Geografia e das Geociências, o processo de ocupação informal ao longo de encostas, numa área considerada de risco em Naranjiba (Cabula), cidade do Salvador. Alguns dos resultados obtidos mostraram a preocupação dos moradores do local com as suas condições topográficas e o constante risco a deslizamentos de terra. Além disso, a insatisfação com a falta de infra-estrutura básica e assistência por parte do poder público. Neste momento, verifica-se a necessidade de estabelecer prognósticos, pensando em ações mitigadoras que venham a minimizar – em primeira instância – os problemas enfrentados pela população ali instalada. Sendo assim, propõe-se, no âmbito do poder público, o lançamento de políticas que visem o planejamento, acompanhado da mínima orientação ambiental, o que poderá preservar a vida de milhares de cidadãos e a própria recuperação ambiental, ao longo do tempo, de áreas que sofreram processo de ocupação desordenada.*

Palavras-chave: Periferização; Encostas; Risco Ambiental

INTRODUÇÃO

A cidade do Salvador, fundada em 29 de março de 1549, foi um dos primeiros centros urbanos do Brasil e da América Latina. Atualmente é a terceira maior capital em população no País, tendo atingido cerca de 2,5 milhões de habitantes no início do século XXI. Do mesmo modo que nas demais grandes cidades brasileiras, a precariedade das condições de habitabilidade e a segregação sócio-espacial relacionada às classes de renda foi e continua sendo uma forte marca no ambiente construído e alterado, com características distintas nas diferentes épocas.

Dentre as grandes cidades brasileiras que possuem topografia acidentada e problemas de urbanização, Salvador está entre as primeiras no que diz respeito a riscos de deslizamentos de terra. De acordo com estudos da Codesal (1998), Salvador possui onze principais áreas de risco, de extrema vulnerabilidade aos escorregamentos de terra.

O estudo proferido por Fernandes (1992) sinaliza que a cidade do Salvador é um bom exemplo para ampliar a compreensão sobre a segregação espacial das classes menos favorecidas. Com base nesta informação é que se pode inferir a crescente quantidade de áreas densamente ocupadas de forma irregular, inclusive caracterizando-se pela categoria de risco, o que vai de

¹ Artigo científico produzido a partir de resultados da pesquisa realizada dentro do Projeto Salvador, que envolve estudos sobre periferização e urbanização em áreas de encosta da cidade de Salvador – Bahia, coordenado por Plínio Martins Falcão (DCHF / DTEC – UEFS). E-mail: projetosalvador_uefs@yahoo.com.br

² Autor – Acadêmico do Curso de Geografia (DCHF / UEFS) – Pesquisador de Iniciação Científica DCHF / DTEC, Área de Geografia – Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: plinio_falcao@yahoo.com.br / pliniomf@uefs.br. Orientadora: Rosali Braga Fernandes, Professora (DCHF / UEFS – UNEB / UCSal) – Área de Geografia, Doutora em Geografia Humana, Universidad de Barcelona – Espanha. E-mail: rosali@uefs.br.

encontro ao que afirma Gordilho-Souza (2000): nas cidades brasileiras a ocupação informal do solo ampliou-se consideravelmente nas últimas décadas, constituindo-se na “solução” de moradia de grande parte da sua população.

Nessas áreas, as chuvas funcionam como principal agente desencadeador de desequilíbrios ambientais. Jesus (2002) considera que a existência de solos com alto teor de argila, associado às condições de um clima tropical úmido, acrescido por uma topografia acidentada (encostas), intensamente ocupada por população de baixo poder aquisitivo, constituem a tônica de um dos grandes problemas ambientais da cidade.

Tomando-se essas informações como base, a proposta de realização desta pesquisa surgiu como possibilidade de avaliar o caso específico de uma invasão localizada no bairro do Cabula. Desse modo, tendo em vista os seus processos de gênese e evolução urbana, tem-se como objetivo verificar as condições de uso e ocupação do solo nesses locais, avaliando a sua resistência quanto à suscetibilidade de deslizamentos de terra.

Tendo como característica uma topografia bastante irregular, a cidade de Salvador, em suas diversas localidades, possui áreas que carecem de estudo no que se refere às probabilidades de risco. Sendo assim, este estudo se justifica seja pela sua finalidade acadêmica, seja pela importância de realizar estudos cada vez mais voltados para o conhecimento dessas áreas, a fim de que, a longo prazo, tais informações possam contribuir com possíveis ações de planejamento, visando uma melhor estruturação ou desenvolvimento dessas áreas.

BREVE HISTÓRICO DE SALVADOR E LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Considerando a informação de que Salvador foi uma cidade devidamente planejada, observa-se atualmente, aos seus 455 anos de fundação, que o seu processo de ocupação e evolução urbana desordenou-se ao longo do tempo, de acordo com o surgimento das classes cada vez menos abastadas. Foi fundada como fortificação para controle e defesa do território conquistado pelos portugueses, sendo edificada intramuros, no ponto mais alto do continente.

A cidade do Salvador resultou, assim, de uma ação direta dos colonizadores, sendo o Estado Português e a Igreja Católica os principais agentes do processo pioneiro de sua estruturação. A economia mercantil e outras solicitações acabaram incidindo sobre o espaço urbano constituído, crescendo a interferência de agentes privados ligados à produção de base agro-exportadora, altamente em atividade, configurando o espaço urbano através da ocupação paulatina do solo, mantida até meados do século XX.

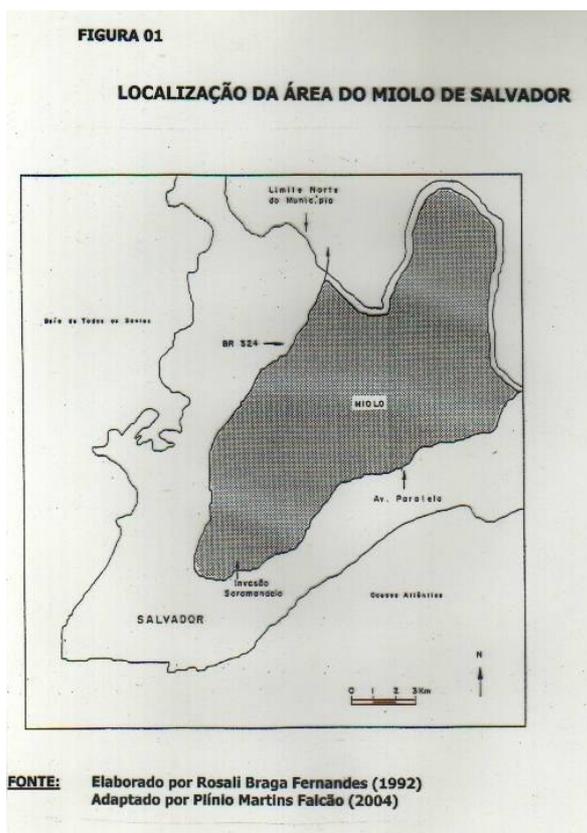
Daí em diante, o processo de industrialização moderna inicia a reconfiguração do espaço, manifestando grandes mudanças sociais, econômicas e políticas, dando margem à interação com novos agentes econômicos. Tais agentes são os segmentos capitalista industrial e imobiliário, o que, de acordo com as idéias defendidas por Corrêa (2002), trata-se, também, de agentes produtores do espaço urbano.

Todo esse processo histórico reafirma o fato de que a cidade teve um crescimento desordenado e desigual em algumas de suas áreas, principalmente na periférica, que – dentre outros – é denominada também de Miolo. Este corresponde à área central do município de Salvador (315 Km²), constituído por cerca de quarenta e uma localidades, com aproximadamente 115 Km² e situado entre a BR-324 e a Avenida Luiz Viana Filho (Avenida Paralela), estendendo-se desde a invasão da Saramandaia, até o limite norte do município (Figura 01).

É na área do Miolo (Figura 02) que está localizado o bairro do Cabula (aproximadamente 6 Km²) e a localidade de Narandiba, aqui estudados. A invasão tomada como objeto de análise

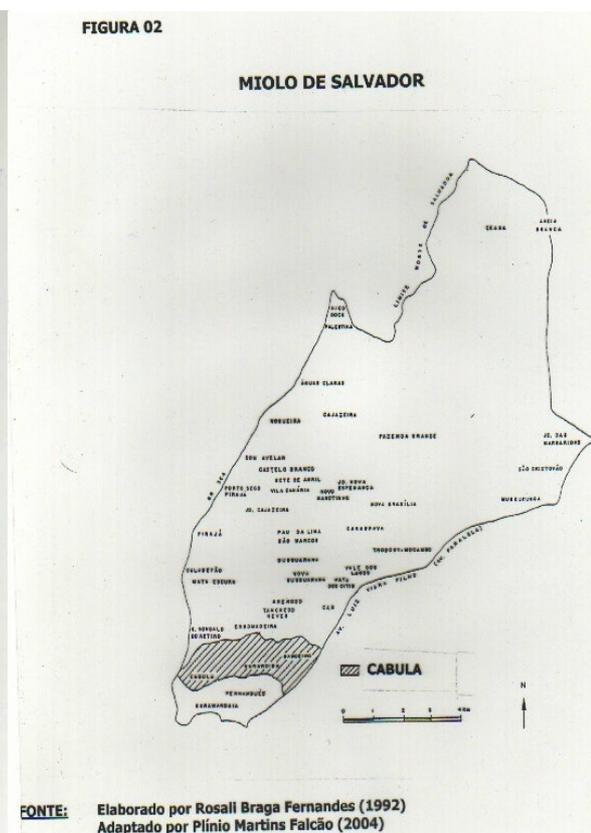
está instalada ao redor do Hospital Geral Roberto Santos³, que de acordo com estudos de Fernandes (2000), recebeu a denominação de Alto do Mirante, Narandiba. A invasão está inserida numa área de propriedade do hospital, prolongando-se pela Avenida Edgard Santos, na encosta, estendendo-se até as proximidades do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira. A área se caracteriza fisicamente pela topografia acidentada, com predominância de encostas que, ao longo do tempo, foram ocupadas ilegalmente por grupos sociais excluídos.

Figuras 01 – Miolo de Salvador



Fonte: Adaptado de Fernandes (1992)

Figura 02 – Área do Miolo e Cabula



Fonte: Adaptado de Fernandes (1992)

METODOLOGIA

A principal via de desenvolvimento deste estudo se deu por meio de levantamento bibliográfico, com o objetivo de reunir as informações a respeito da área de estudo. Em seguida, o levantamento de campo será a ferramenta para realizar observações, descrevendo a área e os problemas que nela sejam encontrados acerca da temática em análise.

Em campo, foi realizada uma amostragem com 100 residências, tendo como objetivo avaliar a percepção e principalmente a interferência humana no enquadramento da área como de risco. Os questionários foram aplicados obedecendo ao critério de avaliação das principais ruas do bairro: 01 a 30, Rua Bela Vista, 31 a 57, Rua Sol Nascente, 58 a 65, Rua São Paulo, 66 a 70,

³ H.G.R.S. – Hospital administrado pela Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, vinculado ao Sistema Único de Saúde (S.U.S.), inaugurado no ano de 1978.

Rua Cândido Melo e 71 a 100, Rua Irmã Dulce. É justamente nessas vias que se concentram as encostas íngremes que representam constante risco aos moradores

Em relação ao solo, foi realizada a descrição de um perfil e coleta de amostra em dois pontos diferenciados (Ruas Sol Nascente e Cândido Melo), na tentativa de identificar o tipo de solo e em que grau a caracterização deste pode vir a ocasionar (facilitando ou não) corrimentos de terra.

Com posse de todas essas informações, foi elaborado um diagnóstico da situação de risco nos principais pontos amostrados, tendo como base o processo de ocupação e uso do solo urbano na área estudada. A discussão dos resultados finais expressou-se por meio deste artigo, no qual a elaboração das hipóteses acarretou num melhor entendimento sobre áreas de risco, visando a continuidade de estudos na tentativa de encontrar soluções para o ordenamento, controle, conscientização e recuperação de áreas degradadas através do processo desordenado de ocupação.

DADOS POPULACIONAIS E AMOSTRAGEM DO TRABALHO

O Cabula possui uma área de aproximadamente 6 Km² e está inserido na área do Miolo da cidade de Salvador, cuja densidade demográfica é maior em função da permanência das classes mais baixas. De acordo com dados do IBGE (2000), Salvador tem uma área de 315 Km², com população total de 2.443.107 habitantes.

A ausência da delimitação de bairros em Salvador não permite obter os dados populacionais de maneira direta. Para tal, faz-se necessário o levantamento por meio da quantidade de setores censitários que o bairro possui, levando em conta toda a sua extensão. Os estudos realizados por Fernandes (2000) permitem estabelecer uma cronologia dos dados populacionais do Cabula em três períodos distintos das últimas três décadas, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 01 – POPULAÇÃO DO CABULA

ANO	POPULAÇÃO	VARIAÇÃO
1980	13.510	*****
1991	37.132	23.622
2000	47.238	10.106
VARIAÇÃO TOTAL 1980-2000		33.728

Fonte: Elaborado por Falcão, Plínio (2004)

Com base em dados de Fernandes (2000)

Verifica-se, portanto, que o Cabula, entre os anos de 1980 e 2000 teve uma variação grande no que diz respeito ao crescimento populacional, com a chegada de mais 33.728 habitantes no bairro, o que – de fato – comprova os seus índices de intensa habitabilidade na área representativa do Miolo. Vale ressaltar que o maior crescimento se deu entre os anos de 1980 e 1990, período no qual foi inaugurada a maior parte dos conjuntos habitacionais existentes no bairro e que foram criados com o intuito de abarcar as classes de média e baixa renda.

No que tange à invasão aqui estudada, vale a pena assinalar que o seu crescimento, nos últimos dez anos, foi intenso e acelerado, estando hoje muito mais ocupada e enquadrada na categoria de risco, por se localizar em área de topografia irregular, estando grande parte das residências nas encostas, em áreas altamente suscetíveis a deslizamentos de terra.

Tomando-se por base os estudos proferidos por Fernandes (1992), nos quais analisou as condições de vida e o padrão de habitabilidade no local, verificou-se que doze anos depois as condições de vida dos moradores da invasão não foram muito melhoradas. Do contrário, o aumento do número de famílias no local, provindas de outras áreas periféricas e/ou até cidades, agravou o quadro de risco da área, acarretando novos problemas.

Além disso, o padrão das residências tem se modificado em função da verticalização das mesmas, acompanhando o ritmo de crescimento das áreas periféricas. As famílias têm crescido e não encontram alternativas senão a de ampliar verticalmente as construções já existentes, o que revela o grave problema da habitação e segregação espacial das classes menos favorecidas, no que se trata do acesso à moradia e às condições básicas de sobrevivência.

O poder público, na sua última passagem pelo bairro, em 1998, através do Programa Bahia Azul, executou obras de esgotamento apenas nas principais avenidas da invasão, realizando, posteriormente, o calçamento das mesmas. No entanto, a falta de assistência ao término das obras e o crescente número de residências na localidade superaram os trabalhos realizados, visto que o sistema de esgotamento encontra-se ineficiente, com diversos pontos de vazamento e infiltração, o que gera intenso perigo numa área dominada por encostas íngremes e de solo facilmente susceptível à erosão.

A amostragem realizada no universo de 100 residências da invasão permitiu alcançar importantes resultados no que trata do perfil e a percepção dos moradores, tendo como questões de maior relevância aquelas nas quais expressaram as queixas e as necessidades urgentes de melhorias. Os questionários foram aplicados em cinco ruas, cuja presença de encostas é marcante e expande-se, inclusive, o maior número de residências, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 02 – ORGANIZAÇÃO DA AMOSTRAGEM

PONTO DE AMOSTRAGEM	QUESTIONÁRIOS
RUA BELA VISTA	01 – 30 (30)
RUA SOL NASCENTE	31 – 57 (27)
RUA SÃO PAULO	58 – 65 (08)
RUA CÂNDIDO MELO	66 – 70 (05)
RUA IRMÃ DULCE	71 – 100 (30)
TOTAL	100

Fonte: Elaborado por Falcão, Plínio (2004).

Os resultados da amostragem revelaram que, dos cem moradores entrevistados, 94 % aderem à coleta de lixo, depositando o mesmo nas caixas coletoras mais próximas, enquanto 06 % afirmaram jogar o lixo nas encostas. Um fato importante é que todos os que declararam isso, residem ao longo da Rua Sol Nascente, a mais crítica de todas no que se refere às encostas e aos deslizamentos.

Quanto às preocupações, 54 % têm as encostas como a maior de todas elas. Em seguida, a violência 33 % e a ausência de saneamento 13 %. Para 76 % as encostas representam constante risco, 04 % apenas têm medo e para 13 % elas não possuem nenhuma representação. Quanto às medidas (preventivas ou não), 56 % afirmaram não fazer nada, 12 % contêm com plástico ou lona, 16 % fazem limpezas ao longo das mesmas, 13 % não jogam lixo e 03 % plantam, visando a fixação das mesmas.

Pelo que há de melhor no bairro, (74 %) consideraram a proximidade com o Hospital Roberto Santos, assim como (19 %) enfatizaram o transporte. E em relação às necessidades imediatas de melhorias, (74 %) apontam a infra-estrutura, (16 %) as encostas e (09 %) se referiram às questões de segurança.

A discussão desses dados evidencia que a atenção e as preocupações dos moradores da invasão estão vinculadas, principalmente, ao problema ambiental do risco nas encostas, validando, assim, o objetivo da amostragem. Em contrapartida, verifica-se que a falta de informações necessárias o suficiente para que possam tomar medidas preventivas contra os corrimentos de terra ainda é um problema grande e carecedor de soluções.

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO, HABITAÇÃO E USO DO SOLO

Com os resultados obtidos por meio da amostragem realizada na invasão, certamente não havia como diferir no que ocorre em áreas com as mesmas características, normalmente concentradas nos espaços urbanos, onde os níveis de renda e subdesenvolvimento são elevados. A pobreza é, ainda, o principal agente responsável pelos problemas de ordem sócio-ambiental nas cidades.

Na invasão de Narandiba, os índices de desemprego, baixa escolaridade e o aumento do número de pessoas nas famílias, cada vez mais carentes, foram algumas das constatações desta pesquisa. Como dito anteriormente, tais resultados atrelam-se a um perfil comum nas áreas periféricas e desordenadamente ocupadas nos centros urbanos.

Com posse dos dados obtidos na amostragem realizada em cem residências da localidade estudada, é possível levantar algumas questões para discussão dos resultados. Em parâmetro educacional, 66 % dos entrevistados sequer concluíram o ensino fundamental e 09 % são analfabetos, sendo que apenas 10 % chegaram a concluir o ensino médio. Nessa mesma população, 45 % estão na faixa etária de 31 a 40 anos de idade, 24 % de 21 a 30, 18 % acima dos 40 e 13 % na faixa de 15 a 20 anos.

Verifica-se, entretanto, que considerável parte dessa população encontra-se na faixa etária produtiva do ser humano, embora, em quase totalidade, excluída do mercado de trabalho. E justamente no aspecto de renda, 43 % afirmaram tê-la limitada em apenas um salário mínimo, agravando-se mais ainda o quadro quando 32 % afirmaram possuir renda total familiar (mensal) inferior a um salário, o que revela, dentre outros aspectos, o grau de privação social definido neste trabalho para as pessoas que vivem na invasão analisada.

Por outro lado, o maior teto salarial correspondeu a 08 % da amostragem, definindo a renda entre 02 e 03 salários. Isso leva em consideração o fato de que tais famílias são diferenciadas na comunidade, muitas vezes por meio de uma casa maior (com mais cômodos ou pavimentos) e melhor estruturada do ponto de vista estético. No entanto, isto não significa que, dentro dessas famílias, não existam dificuldades, apenas diferem-se da maioria. Porém, vale a pena assinalar que na categoria referente à renda de 03 a 04 salários (a maior estabelecida no questionário) não houve declarações.

Esta discussão não poderia deixar de levantar, também, o assunto da habitação e da moradia, visto que os índices revelados nos dados anteriores, com relação às classes de renda e pobreza, são os principais fatores que levam as pessoas a ocuparem áreas de modo informal. A falta de acesso à moradia digna, isto sim, caracteriza a formação de invasões, favelas e toda uma marginalização que, por consequência, dá origem às categorias de risco, sejam eles sociais ou mesmo ambientais.

Considerando-se a invasão de Narandiba, 89 % das pessoas entrevistadas foi convicto em afirmar que o terreno e casa são próprios, alguns chegando a afirmar terem comprado nas mãos

de terceiros, com posse, inclusive, de recibo de compra. Vale ressaltar que em toda a amostra nenhum indivíduo respondeu a essa questão de natureza do terreno / imóvel como invadido, enquanto 07 % moram de aluguel.

Quanto ao tempo de moradia no local, 59 % afirmaram ter se estabelecido entre 06 e 15 anos atrás, seguido de 31 % que registraram a chegada à localidade há menos de cinco anos. Ainda nessa variável, 09 % chegaram entre 26 e 35 anos passados, enfatizando que esses moradores, possivelmente, foram precursores do início do processo de ocupação naquela área.

O processo de uso e ocupação do solo naquela invasão teve função inicial de busca por moradia por parte de grupos sociais excluídos; em sua grande parte, pessoas vindas de outras áreas da cidade, normalmente já castigadas pela pobreza. Além destes, aqueles que vieram de outras cidades do interior do Estado “sonhando” com melhores oportunidades e condições de vida na capital na cidade grande, sonhos esses que, para muitos, se tornaram em risco e que grande parte talvez não tenha a noção dos perigos de viver em áreas íngremes.

No decorrer do tempo, muitas famílias foram chegando em Narandiba, construindo barracos, posteriormente casas feitas com tijolos (embora muitos nunca tenham saído das condições de improviso). Conseqüentemente, isso acarretou o aumento da população local, pois as famílias continuaram a crescer, mesmo sem as condições para isto. Na amostra realizada neste estudo, encontraram-se 49 % das famílias com mais de cinco pessoas em casa, 26 % com quatro, 25 % com três e apenas 12 % com apenas duas pessoas morando na residência analisada.

Assim, toma-se conhecimento de toda uma problemática que se reitera: é um problema ocorrente na grande parte dos centros urbanos, principalmente nos locais onde a pobreza se expande, tornando os grupos sociais excluídos cada vez maiores e mais carentes no que tange ao acesso à moradia e às condições básicas de sobrevivência humana com dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tratou-se de um pré-diagnóstico da situação de risco e alguns dos principais problemas enfrentados no cotidiano dos grupos sociais excluídos na periferia das grandes cidades, tendo como ponto de análise a invasão de Narandiba, no bairro do Cabula, cidade de Salvador. A temática trabalhada foi a da suscetibilidade dos solos a corrimentos e erosão nas encostas da localidade.

A capital baiana está no *ranking* das principais cidades brasileiras no que se trata de uma topografia acidentada que representa constante risco de deslizamentos de terra, principalmente quando este submete a vida de milhares de pessoas que vivem ao longo dessas áreas, nas encostas, por consequência do processo de exclusão social e ocupação desordenada do solo nas áreas urbanas.

Verificou-se que, na localidade aqui trabalhada, a ausência de infra-estrutura básica e os próprios acidentes topográficos constituem-se nos aspectos principais de queixas e apelos da população local. O poder público, em falta com essas questões, não se manifesta, visto que a cidade possui na área designada como Miolo, inúmeras áreas com os mesmos e até mais graves problemas.

A dinâmica sócio-espacial da invasão fez com que ela, ao longo do tempo, constituísse relações intrínsecas com um dos mais importantes equipamentos urbanos da cidade, o Hospital Geral Roberto Santos. Essa relação movimenta as pessoas em função do hospital, como se a instalação dele tivesse ocorrido com a finalidade de dar assistência à invasão, sendo que esta se instalou muito depois da construção do H.G.R.S., que data do ano de 1978.

Ao passo que houve essa dinamização e outros processos de ocupação do espaço, principalmente no que diz respeito ao crescimento do número de residências, ao longo das áreas íngremes, instalou-se um quadro de risco ambiental cada vez mais elevado.

Entretanto, as questões infra-estruturais e relativas às encostas se constituem como os aspectos de maior relevância para a comunidade local quando se trata da perspectiva de melhorias. Porém, a população carece de conscientização ambiental e a simples execução de obras apenas traria soluções paliativas para a localidade, cujos problemas apareceriam novamente, em tipos e escalas diferentes, afinal, trata-se de uma ocupação desordenada.

Sendo assim, a implantação de programas de educação ambiental certamente facilitaria as ações de planejamento e estruturação, fazendo com que os moradores vivenciassem melhor a realidade onde vivem e, com isto, passem a cuidar do seu próprio espaço. Para que o homem viva dignamente, basta que ele entenda o seu próprio espaço como reflexo da sua realidade, dispondo, claro, das condições mínimas para a garantia de uma vida melhor.

Portanto, o perfil social dessa população é o daquela excluída nos diversos centros urbanos do mundo subdesenvolvido, sempre alojada nas periferias, carecendo do mínimo possível à sobrevivência com dignidade, ficando, ao longo do tempo, cada vez mais pobre. Conseqüentemente, mais distante de uma realidade promissora e submetida, inclusive, às questões de ordem ambiental, partindo do pressuposto de que estas têm, também, as suas vítimas decorrentes do próprio descuido humano sobre o meio natural.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R.L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 2002.

FERNANDES, R.B. Periferização sócio-espacial em Salvador: análise do Cabula, uma área representativa. Dissertação de Mestrado. Salvador: FAU-UFBA, 1992.

FERNANDES, R.B. Las políticas de la vivienda en la ciudad de Salvador y los procesos de urbanización popular en el caso del Cabula. Tese de Doutorado. Barcelona: U.B., 2000.

GORDILHO-SOUZA, A.M. Limites do habitar. Segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. Salvador: Edufba, 2000.

GUERRA, A.J.T. Geomorfologia, uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

GUERRA, A.J.T. Novo dicionário geológico-geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

IBGE. Glossário geológico. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

IBGE – Censo demográfico do ano 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

JESUS, E.F. Clima e meio ambiente urbano. Revista de Ciências Humanas do DCHF, v.1. Feira de Santana: UEFS, 2002.

Agradecimentos especiais:

Dr^a Rosali Fernandes (UEFS / UNEB / UCSal), Dr^a Joselisa Chaves (UEFS), Ms.C. Geraldo Leahy (UEFS), Esp. Martônio Sacramento (UNEB), Dr^a. Maria José do Rego (UFBA), Ms.C. Sandra Medeiros (UEFS), Dr. Emanuel Reis (UEFS / UFBA / UCSal), Dr. Antônio Ângelo Fonseca (UEFS), Ms.C. Clóvis Caribé (UEFS), Prof^a. Luiza Petitinga (DEPLAM – CONDER / UFBA), Graduandos Pedro (História – UCSal), Halison Marques (Direito – UCSal) e Livia Falcão (H.G.R.S.).